

## BREVES NOTAS SOBRE A DEMOGRAFIA NA REGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI

Maicon Cláudio da Silva<sup>26</sup>

Lauro Mattei<sup>27</sup>

**Resumo:** As transformações demográficas pelas quais passou o Brasil nas últimas décadas também tiveram reflexo em Santa Catarina. Nesse sentido, este trabalho discutirá as mudanças demográficas que ocorreram na Mesorregião da Grande Florianópolis no último intervalo intercensitário (2000-2010), sobretudo relacionadas ao processo de litoralização de Santa Catarina. Além de analisarmos os dados referentes à dimensão mesorregional, será abordado o tema das disparidades intraregional, que foi agravada pelo processo de metropolização do eixo Florianópolis-São José-Palhoça. A conclusão geral do trabalho é que é impossível compreender adequadamente os problemas demográficos da Grande Florianópolis de forma isolada. Por isso, recomenda-se a necessidade de políticas públicas que atinjam não apenas a mesorregião, mas também as regiões em que predominam os fatores de expulsão populacional

**Palavras-chave:** demografia, políticas públicas, região de Florianópolis

### BRIEF NOTES ABOUT DEMOGRAPHIC SITUATION IN THE FLORIANÓPOLIS REGION IN THE FIRST DECADE OF TWENTY FIRST CENTURY

**Abstract:** This papers discuss the demographic changes that occurred in Santa Catarina State in the way that this is a process that occurred in all country also. The study has its focus in the Florianópolis main region during the first decade of twenty first century. The method adopted in our research is a combination of two dimensions: one is analyzing the inequality inside of the region; and another is looking to the region situation together. The main perception is that this process was aggravated in the region by the urbanization of three cities: Florianópolis, São José, and Palhoça. The general conclusion of the paper is that is impossible to understand the demographic situation and problems in the Florianópolis main region by itself, and in a isolated context. So, the paper recommended that public policies should look also at the factors that are promoting changes in the population situation in all regions where the people are going out and moving to the Florianópolis main region.

**Key-words:** demographic, public policies, Florianópolis main region

---

<sup>26</sup>Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: maiconclaudio@gmail.com

<sup>27</sup> Professor do curso de Graduação em Ciências Econômicas e de Pós-Graduação em Administração, ambos da UFSC. Email: l.mattei@ufsc.br

## **INTRODUÇÃO**

Os últimos trinta anos foram caracterizados por significativas mudanças demográficas no Brasil. Além de aspectos gerais como diminuição da mortalidade infantil, queda da taxa de fecundidade, e aumento da expectativa de vida média, foi significativo o aumento da urbanização (MIOTO, 2012). Esse incremento da população das cidades acaba por trazer consequências às áreas urbanas, que cedo ou tarde os gestores públicos terão que enfrentar.

A Mesorregião da Grande Florianópolis acompanhou a tendência nacional nas últimas décadas, mas ainda assim apresentou especificidades, inclusive em relação a outras mesorregiões catarinenses.

Este trabalho busca analisar as alterações no panorama demográfico da Mesorregião da Grande Florianópolis ocorridas no último intervalo intercensitário (2000-2010). Para tanto, serão analisados os níveis mesorregional, com objetivo de compreender a Grande Florianópolis no agregado, e microrregional, percebendo-se assim de forma mais eficiente as disparidades entre as microrregiões que a compõem: Florianópolis, Tijucas e Tabuleiro. Serão abordados, ainda, os fenômenos da metropolização da Microrregião de Florianópolis e o processo de litoralização catarinense e seus impactos na demografia da região.

### **I - ASPECTOS GERAIS DA DEMOGRAFIA DA GRANDE FLORIANÓPOLIS**

Composta por 21 municípios, a Mesorregião da Grande Florianópolis possuía em 2010 uma população de 994.095 habitantes, segundo dados do Censo Demográfico do IBGE. Isto representa uma proporção de 15,91% da população do estado de Santa Catarina. Este percentual é maior que o registrado no censo de 2000 (14,99%), mas a região continua representando menos da população catarinense que outras, tais como o Vale do Itajaí (24,15%), o Norte Catarinense (19,41%), e mesmo a mesorregião Oeste Catarinense (19,22%).

Essa característica já era levantada por estudo de 2000, em que se afirmava que a Grande Florianópolis possuía em 1996 uma população de “668.561 habitantes, representando 13,71% da população catarinense. Uma concentração populacional bem inferior à das mesorregiões do Vale do Itajaí e do norte-catarinense.” (IPARDES-UNICAMP/IE/NESUR,

2000, p. 141). Contudo, a novidade dos dados de 2010 está no fato da região ter ultrapassado o Sul Catarinense em porcentagem da população do estado (15,91% contra 14,80%).

Apesar de não ser a mesorregião mais populosa de Santa Catarina, dada sua área de 7.465,69 Km<sup>2</sup>, a Grande Florianópolis é a que possui a maior densidade demográfica, com uma taxa média de 135,58 hab./Km<sup>2</sup> em 2010. Um aumento expressivo de 26,21% em relação aos dados de 2000, quando era de 107,43 hab./Km<sup>2</sup>. Esta característica também já se apresentava anteriormente, como em 1996, quando: “Sua densidade demográfica é de 95,81 habitantes por quilômetro quadrado, a mais elevada do estado” (IPARDES-UNICAMP/IE/NESUR, 2000, p. 141).

A alta densidade demográfica verificada na Grande Florianópolis é acompanhada da mais elevada taxa de urbanização de Santa Catarina, desde 1970<sup>28</sup>. Em 2010, 92,13% da população residente vivia em domicílios urbanos. Em 2000 este valor era de 90,33% e em 1996 de 84,69%.

A Mesorregião da Grande Florianópolis vem apresentando nas últimas décadas, portanto, grande incremento populacional, tanto em termos absolutos quanto relativos, aumento de sua densidade demográfica e forte urbanização. Muito dessas transformações não decorre apenas do crescimento vegetativo normal da população, mas sim do fenômeno demográfico conhecido pelos estudiosos como “litoralização da população catarinense”.

### **1.1 O processo de litoralização catarinense e a região da Grande Florianópolis**

O processo de litoralização catarinense consiste em movimento verificado nas últimas décadas caracterizado por forte incremento populacional das mesorregiões Grande Florianópolis, Vale do Itajaí e Norte Catarinense, sobretudo em suas faixas litorâneas. Isto se dá em detrimento de uma diminuição relativa da população das demais mesorregiões do estado (Serrana, Oeste Catarinense, e em menor medida, Sul Catarinense).

“O resultado desse processo concentrador foi não só a litoralização do estado em um período que o país se interiorizava, mas também a formação de aglomerados urbanos com áreas adensadas e contíguas de ocupação” (MIOTTO, 2011, p. 101). Na Grande Florianópolis este processo se refletirá no aumento da densidade demográfica e da taxa de urbanização,

---

<sup>28</sup> IPEA, Características e tendências da rede urbana do Brasil: redes urbanas regionais: Sul. Brasília, 2000.

como visto no item anterior, além de uma maior representação de Florianópolis na população estadual, conforme gráfico 1.

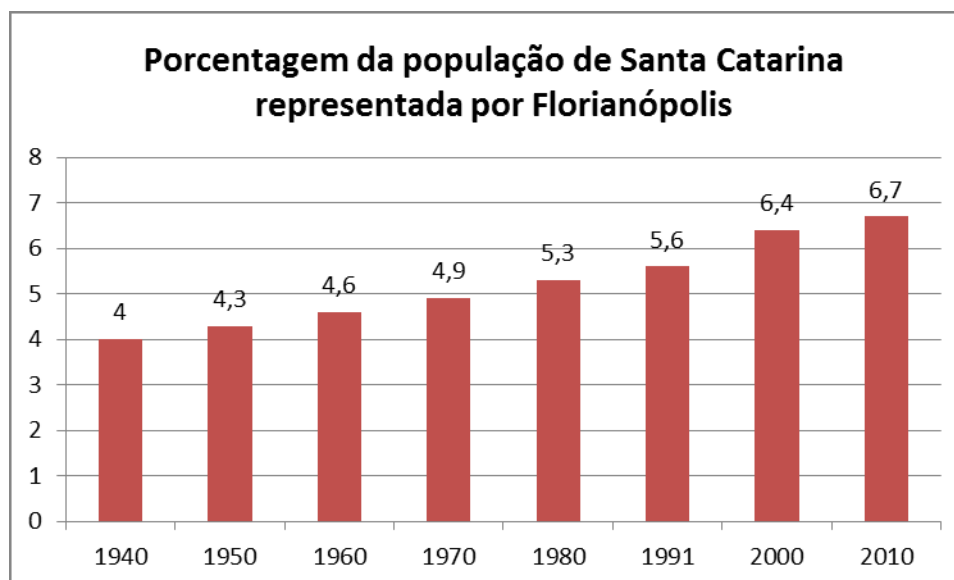


Gráfico 1 – Porcentagem da população de Santa Catarina representada por Florianópolis  
Fonte: Dados do IBGE. Elaboração própria.

Boa parte dessa concentração da população catarinense no litoral é explicada pelo aumento do número de migrantes instalados nessa região. Mas “mesmo que Santa Catarina tenha se tornado, no final do século passado, receptor líquido de migrantes em relação a outras regiões do país, a migração interna passou a ser elemento fundamental na dinâmica demográfica” (MIOTTO, 2013, p. 38). Isto é confirmado pelos dados do IBGE sobre migração. De um total de 602.692 migrantes vivendo em Santa Catarina em 2000, somente 207.445 tinham vindo de outro estado; o restante era proveniente de outros municípios catarinenses. Em 2010, essa característica se confirma mais uma vez, sendo 736.702 o total de migrantes, e 346.427 os oriundos de outros estados<sup>29</sup>.

Em meio a esse contexto, a Grande Florianópolis ocupa posição de destaque no recebimento de migrantes, sendo em 2010 a segunda mesorregião do estado em número de migrantes, tanto de outros municípios, quanto de outros estados<sup>30</sup>. Já as regiões oeste e serrana são as que apresentam maior perda populacional (MIOTO; LINS; MATTEI, 2010).

<sup>29</sup> Vale dizer que a metodologia adotada pelo IBGE para classificar um indivíduo como migrante é perguntar se o mesmo vivia no município de residência há cinco anos. Caso a resposta seja negativa, o mesmo é contabilizado como migrante.

<sup>30</sup> Foram 144.307 migrantes provenientes de outros municípios. Desses, 74.435 de outros estados. O número deixa a Grande Florianópolis atrás apenas do Vale do Itajaí, dentre as mesorregiões catarinenses.

A região oeste foi a que mais perdeu população em termos absolutos. “Em grande parte, essa forte evasão está ligada à falta de perspectiva dos habitantes, principalmente daqueles envolvidos com as pequenas propriedades agrícolas familiares” (MIOTO; LINS; MATTEI, 2010, p. 304). Essa situação se agravou durante os anos de reestruturação produtiva da economia brasileira na década de 1990

com a sobrevalorização cambial e a facilidade de entrada de capital externo para adquirir ativos nacionais, o complexo agroindustrial catarinense passou por uma reestruturação patrimonial em favor de multinacionais. Associado a esta desnacionalização, assistimos nos anos 1990 a uma redução no número de suinocultores e uma readaptação dos avicultores. (GOULART FILHO, 2007, p. 332)

Já a região serrana foi a responsável pela maior perda relativa de população. Mito, Lins e Mattei (2010) consideram que nessa região predominaram os fatores de expulsão ligados à estagnação da economia. Para os autores, “Trata-se da região com o maior nível de concentração de terras do estado e com uma economia em declínio há várias décadas, especialmente após o fim do ciclo madeireiro” (MIOTO; LINS; MATTEI, 2010, p. 308).

Este intenso processo de litoralização em Santa Catarina traz sérias consequências para o desenvolvimento socioeconômico, não só do estado como também da mesorregião da Grande Florianópolis, afetada pelo intenso fluxo migratório.

A concentração engendrada por esses movimentos – que tem respaldo também nos principais indicadores econômicos – é resultado do aprofundamento das desigualdades intraregionais no estado, tendo como correspondência o aumento das desigualdades intraurbanas, oriundas do padrão de crescimento das principais cidades (ocupação ilegal, favelização, violência, condições precárias de habitação e mobilidade urbana, segregação sócioespacial, etc.). (MIOTTO, 2013)

## **2 - DINÂMICAS INTRA-REGIONAIS**

A Mesorregião da Grande Florianópolis se subdivide em três microrregiões: Florianópolis, Tijucas e Tabuleiro. Cada uma, como se verá mais adiante, obedece a dinâmicas diferentes, o que dá um caráter extremamente complexo à mesorregião.

A microrregião de Florianópolis é a mais populosa, maior em termos geográficos<sup>31</sup> e é composta pelo maior número de municípios: Florianópolis, São José, Palhoça, Biguaçu, Santo Amaro da Imperatriz, São Pedro de Alcântara, Governador Celso Ramos, Antônio Carlos e Paulo Lopes.

Composta por sete municípios localizados na parte Noroeste da Grande Florianópolis, a microrregião de Tijucas é a menor das três em área, mas a segunda mais populosa<sup>32</sup> e com mais municípios: Tijucas, Canelinha, São João Batista, Nova Trento, Angelina, Leoberto Leal e Major Gercino.

A menos populosa das três regiões<sup>33</sup>, e que possui menos municípios, é a microrregião do Tabuleiro, que ocupa a porção sudoeste da Mesorregião da Grande Florianópolis, e é composta pelos municípios de: Águas Mornas, Alfredo Wagner, Anitápolis, Rancho Queimado e São Bonifácio.

## 2.1 - Metropolização da Microrregião de Florianópolis

O grau de centralidade gerado pelas funções exercidas por Florianópolis, capital político-administrativa do estado, na microrregião de mesmo nome, a torna extremamente peculiar se comparada às demais microrregiões, tanto da Grande Florianópolis quanto do estado.

Estudo de 2000 já considera que:

Seu nível de centralidade [de Florianópolis] é muito forte e sua estrutura ocupacional confirma uma seletiva qualitativa dos serviços financeiros e técnicos especializados, já que ocorrem em maior proporção que em Joinville e Blumenau. Essas peculiaridades fazem de Florianópolis um pólo com tendências metropolitanas, distinguindo-se das demais aglomerações urbanas catarinenses. (IPARDES-UNICAMP/IE/NESUR, 2000, p. 141)

A dimensão de Florianópolis como segundo contingente populacional do estado, representando 42,37% da população da mesorregião da Grande Florianópolis em 2010, aliado

---

<sup>31</sup> A microrregião de Florianópolis possuía em 2010, segundo o IBGE, 878.852 habitantes vivendo numa área de 2.488,592 Km<sup>2</sup>.

<sup>32</sup> A microrregião de Tijucas possuía em 2010, segundo o IBGE, 91.909 habitantes vivendo numa área de 2.127,692 Km<sup>2</sup>.

<sup>33</sup> A microrregião do Tabuleiro possuía em 2010, segundo o IBGE, 23.926 habitantes vivendo numa área de 2.383,147 Km<sup>2</sup>.

à grande centralidade de serviços<sup>34</sup>, tornam Florianópolis o grande eixo de articulação dos municípios da região.

Sofrendo as limitações de sua geografia<sup>35</sup>, a ocupação da região avança por áreas inadequadas e se adensa cada vez mais em direção ao continente, “extravasando-se sobre municípios vizinhos. Constitui, assim, uma densa ocupação com contiguidade de mancha urbana, englobando Palhoça, São José – municípios urbanos de média dimensão -, Biguaçu e, em seu vetor de expansão, Tijucas, ambos urbanos com pequena dimensão” (IPARDES-UNICAMP/IE/NESUR, 2000, p. 141).

O processo de metropolização desse eixo torna Florianópolis a microrregião mais urbanizada do estado, com 95,5% de sua população vivendo em áreas urbanas em 2010. São José e Palhoça, os dois maiores municípios da região depois de Florianópolis, e que em termos populacionais estão entre os onze maiores municípios do estado, apresentam índices maiores ainda ao da região, com 98,81% e 98,53% respectivamente, valores inclusive superiores ao da capital.

A grande concentração populacional e a alta taxa de urbanização tornam Florianópolis a microrregião com a maior densidade demográfica de toda a mesorregião: 305,70 hab./Km<sup>2</sup>, superando em 23,88% o valor registrado pelo Censo Demográfico de 2000. Essa densidade demográfica é superior ainda, à registrada pela Mesorregião da Grande Florianópolis, de 135,58 hab./Km<sup>2</sup>.

No conjunto dos seus municípios, quatro se destacam pelas altas densidades demográficas, superiores inclusive à da Mesorregião. Todos tiveram suas densidades aumentadas fortemente no último intervalo censitário, de dez anos, como pode ser observado na tabela 1.

O atual processo de metropolização do entorno de Florianópolis acaba sendo também potencializado pelo fenômeno de litoralização da população catarinense, tratado anteriormente neste artigo. Se no contexto estadual, a Mesorregião da Grande Florianópolis é em 2010, tanto em termos interestaduais quanto intermunicipais, a segunda em recebimento de migrantes, Florianópolis é a principal receptora de migrantes dentre todas as microrregiões catarinenses, com 66.064 migrantes interestaduais e 128.440 intermunicipais.

---

<sup>34</sup> A título de exemplo, em 2010 44,67% dos estabelecimentos de saúde da Mesorregião se encontram instalados na capital do estado.

<sup>35</sup> Florianópolis é em sua maior parte uma Ilha, com boa parte de seu território composta por áreas que teoricamente deveriam ser preservadas ambientalmente.

Tabela 1 – Densidades demográficas entre 2000 e 2010

<b>Unidade Territorial</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>	<b>Taxa de Crescimento</b>
São José	1.146,24	1.388,17	21,11%
Florianópolis	508,92	627,24	23,25%
Palhoça	259,93	347,68	33,76%
Biguaçu	128,21	155,44	21,24%
Microrregião de Florianópolis	246,76	305,70	23,89%
Mesorregião da Grande Florianópolis	107,43	135,58	26,20%

Fonte: Dados do IBGE.

Sobre isto, Miotto, Lins e Mattei (2010) afirmariam que:

É perceptível a concentração dos saldos migratórios positivos nos municípios da região que seguem uma faixa contígua a partir da capital, Florianópolis, São José, Palhoça, Biguaçu e Santo Amaro da Imperatriz [o eixo de metropolização]. [...] Esses municípios constituem a área periférica da capital do estado, sendo as migrações pendulares um interessante tema de pesquisas futuras, tendo em vista que muitas pessoas que exercem atividades na capital residem nesses municípios. (Miotto, et al, 2010, p. 312)

O alto desenvolvimento do setor de serviços na região talvez seja um importante fator de atração à migração. Em 2010, 72,72% do PIB de Florianópolis era representado pelo setor de serviços. Essa proporção era de 68,96% em São José, e 67,57% em Palhoça. Dado o baixo nível de formação em geral exigido pelo setor de serviços, sobretudo de comércio, e o fato de grande parte da população migrante ser proveniente das regiões rurais do oeste e serra catarinenses, é factível entender que parte dessa população é atraída pelas possibilidades de trabalho no setor de serviços da região, sobretudo Florianópolis, e de moradia nos municípios do entorno.

Esse aspecto condiz com as características gerais da formação da rede urbana brasileira, que alia, historicamente, concentração espacial da população e periferação no entorno dos grandes centros urbanos. A especulação fundiária e a própria ação do Estado tendem a fazer com que áreas cada vez mais distantes sejam ocupadas, geralmente sem oferta de infraestrutura e de serviços públicos capazes de atender dignamente a população dessas localidades. (MIOTTO; LINS; MATTEI, 2010, p. 313)



## 2.2 - Disparidades intra-regionais

Se em termos interregionais, a Mesorregião da Grande Florianópolis parece ser um mundo-maravilha, em termos intra-regionais a situação é mais complexa. A grande centralidade exercida por Florianópolis, o processo de metropolização do seu entorno e o fenômeno de litoralização da população catarinense, têm causado expansão das disparidades intra-regionais.

As diferenças, presentes desde o começo do povoamento da região que foi centrado, sobretudo, no litoral em detrimento do interior, tem aumentado nos últimos anos com os processos de metropolização do entorno de Florianópolis e litoralização de Santa Catarina.

Enquanto a população da microrregião de Florianópolis cresceu a uma taxa altíssima de 23,89% entre 2000 e 2010, e responde por 88,35% da população da Mesorregião, a microrregião do Tabuleiro cresceu a uma taxa pífia de 2,72%, inclusive diminuindo sua representatividade da população na Mesorregião de 2,90% para apenas 2,41%. Alguns municípios, como os de São Bonifácio e Anitápolis chegaram a ter suas populações diminuídas (-6,53% e -0,50% respectivamente).

Tabuleiro é também a microrregião de Santa Catarina que recebeu menor número de migrantes, tanto inter-estaduais quanto inter-municipais<sup>36</sup>. Na verdade, Miotto et al (2010) apontam inclusive que os saldos migratórios para 2007 dos municípios de Águas Mornas, Anitápolis e São Bonifácio, todos pertencentes à microrregião, foram negativos, o que significa que houve maior êxodo populacional do que incremento devido às migrações. Esse cenário contrasta fortemente com o visto anteriormente para a microrregião de Florianópolis.

O estudo de 2000 já apontava este cenário para a região e suas possíveis causas:

É surpreendente que municípios localizados muito proximamente a essa aglomeração venham apresentando taxas negativas de crescimento da população total e alguns até mesmo da população urbana. Esse comportamento pode ser explicado pela dependência de uma atividade agrícola que, embora fundamental para o município – com a maior parte da população ocupada em atividades do setor primário –, representa uma contribuição mínima para a produção estadual. (IPARDES-UNICAMP/IE/NESUR, 2000, p. 141)

---

<sup>36</sup> A microrregião do Tabuleiro possuía em 2010 apenas 388 habitantes que não viviam em Santa Catarina em 2005, e 1.683 que não residiam no município atual de domicílio.

Os dados mais recentes confirmam essas características de Tabuleiro. Das três microrregiões que compõe a Grande Florianópolis, esta é de longe a com menor densidade demográfica, sendo em 2010 de 10,19 hab./km<sup>2</sup>. É também a possuidora da menor taxa de urbanização de todo o estado, com apenas 35,46% de sua população residindo em áreas urbanas.

O cenário é complexo também em se tratando da microrregião de Tijucas. Se na microrregião de Florianópolis os fatores de atração populacional parecem ser preponderantes, e na microrregião do Tabuleiro o oposto se verifica, com diminuição relativa da população, na microrregião de Tijucas ambos os fatores parecem agir.

Em sua totalidade, a Microrregião de Tijucas foi a que teve maior crescimento populacional entre 2000 e 2010, a uma taxa de 31,66%; e também a que mais aumentou sua densidade demográfica, chegando a 43,18 Hab/Km<sup>2</sup>. Com isso, possui uma taxa de urbanização média de 74,64% da sua população. Contudo, ao se analisar município por município que compõe a microrregião, se percebe as desigualdades mascaradas pelos dados agregados.

Ao lado de Tijucas (com 83,99%) e São João Batista (com 89,68%) de suas populações vivendo em áreas urbanas, estão municípios como Angelina e Leoberto Leal, com somente 21,39% e 24,37%, respectivamente. Os contrastes se repetem em termos densidade demográfica, com 111,69 Hab/Km<sup>2</sup> e 118,97 Hab/Km<sup>2</sup> em Tijucas e São João Batista, contra 10,50 Hab/Km<sup>2</sup> em Angelina, 11,56 Hab/Km<sup>2</sup> em Leoberto Leal e 11,48 Hab./Km em Major Gercino.

Mas os dados mais alarmantes, em termos de desigualdades intra-regionais, são os referentes ao crescimento populacional. É na microrregião de Tijucas onde estão localizados dois dos municípios da Grande Florianópolis que tiveram maior crescimento populacional entre 2000 e 2010: São João Batista e Tijucas, com 76,74% e 32,13% de aumento populacional. Em contrapartida, os municípios que tiveram menor crescimento também se localizam na Microrregião de Tijucas: Leoberto Leal, com crescimento de -10,05% de sua população; Angelina, com -9,04%; e Major Gercino, com crescimento positivo de 4,33%.

Os diferentes perfis econômicos dos municípios da microrregião, com a agricultura predominando em Angelina, Leoberto Leal, Major Gercino, e a indústria em Tijucas (cerâmica), São João Batista (calçados) e em menor medida Canelinha (cerâmica) e Nova Trento (vinho); assim como a posição estratégica de Tijucas, São João Batista e Canelinha,

entre a Grande Florianópolis e o Vale do Itajaí, talvez sejam possíveis causas responsáveis pelos movimentos populacionais atuais.

Enquanto na microrregião do Tabuleiro a falta de um polo centralizador e articulador da economia e a grande dependência de um setor agrícola inexpressivo em termos estaduais, agem como fatores de expulsão da população, que em grande parte migra em direção ao eixo metropolitano de Florianópolis, na microrregião de Tijucas, São João Batista e o município de Tijucas agem como um polo centralizador, ainda que em menor medida que Florianópolis. Isto torna a região peculiar, de maneira que os municípios maiores, incapazes de espriar o desenvolvimento para a microrregião, agem como ponto de atração para a população dos municípios menores que migra em direção aos primeiros. Nesse sentido, a região parece estar numa posição intermediária entre o que ocorre em Florianópolis, com o processo populacional atual de Tabuleiro.

Este cenário demográfico complexo indica que o crescimento populacional da microrregião de Florianópolis não é apenas fruto do deslocamento de contingentes do interior de Santa Catarina e de indivíduos de outros estados, mas também de municípios da própria Mesorregião da Grande Florianópolis.

O rápido processo de metropolização da microrregião de Florianópolis e suas consequências para o desenvolvimento (periferização, invasão de áreas impróprias para construção civil, aumento da violência e carência social), assim como o esvaziamento das regiões de interior (Tabuleiro, e alguns municípios de Tijucas), tornam a situação da Grande Florianópolis preocupante, de tal maneira que políticas públicas adequadas se fazem necessárias para frear o aumento das desigualdades sociais na região.

### **3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As principais perspectivas possíveis de serem apontadas para a demografia da Grande Florianópolis são de certa forma alarmante: inchaço populacional do eixo metropolitano Florianópolis-São José-Palhoça-Biguaçu, paralelamente ao aumento das disparidades intra-regionais.

O processo de litoralização da população catarinense, que tem na microrregião de Florianópolis sua principal receptora de migrantes, tende a contribuir fortemente para o crescimento demográfico da região da Grande Florianópolis. É de se destacar ainda que

situação causa reflexos nos municípios vizinhos da capital, principalmente Palhoça e Biguaçu, que se transformam em eixos de expansão desse movimento geral da região metropolitana.

No entanto, ao lado do forte crescimento demográfico da microrregião de Florianópolis, aparece a estagnação da microrregião do Tabuleiro e a de alguns municípios da microrregião de Tijucas, notadamente Angelina, Leoberto Leal e Major Gercino. As disparidades intra-regionais, já altas, podem aumentar nos próximos anos caso nenhuma política pública efetiva seja adotada, de maneira que os municípios mais próximos à Florianópolis tendem a registrar altas taxas de crescimento populacional, em detrimento a estagnação e perda populacional (em alguns casos) dos municípios mais distantes, principalmente daqueles mais próximos geograficamente da mesorregião Serrana.

O crescimento populacional drástico da microrregião de Florianópolis, assim como a estagnação dos municípios do interior da Grande Florianópolis, tende a produzir consequências sociais graves à região. No primeiro caso, exemplo de urbanização descontrolada aparece nas questões de invasão de áreas impróprias para construção civil, aumento da violência, carência social, dentre outros. No segundo caso, típico de estagnação econômica do campo e êxodo rural, surge como tendências problemáticas o envelhecimento relativo da população, a perda de importância econômica e a estagnação das atividades agrícolas, principal fonte de renda desses municípios.

Desta forma, acreditamos que sejam necessárias mais do que políticas públicas que busquem apenas solucionar os problemas gerados pelo boom demográfico da Grande Florianópolis. É preciso entender este problema de forma mais ampla, levando em consideração não apenas os fatores próprios à região (como a grande centralidade em Florianópolis e a existência de zonas mais afastadas e historicamente rurais) mas, também aqueles relacionados ao próprio estado em sua totalidade, especialmente responsáveis pela expulsão populacional existentes nas regiões Oeste e Serrana, por exemplo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOULART FILHO, A. **Formação econômica de Santa Catarina**. 2 ed. Florianópolis, Editora da UFSC, 2007. 473 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)> . Acesso em: Julho 2013.

IPARDES-UNICAMP/IE/NESUR. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: redes urbanas regionais**: Sul. Brasília: IPEA, 2000. v. 6.

MIOTO, B. T. Aspectos gerais da demografia catarinense na primeira década do século XXI. **Revista NECAT**, Ano 1, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://necat.ufsc.br/files/2013/01/Revista-NECAT-Ed1.pdf>>. Acesso em: Fevereiro 2013.

MIOTO, B. T. **Integração econômica e rede urbana em Santa Catarina**: transformações no período da desconcentração produtiva regional (1970-2005). 2011. 139 p. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Econômico. Unicamp, Campinas.

MIOTO, B.T. **Movimentos migratórios em Santa Catarina no limiar do século XXI**. 2008. 85 p. Monografia de Graduação em Ciências Econômicas. UFSC, Florianópolis.

MIOTO, B. T.; LINS, H. N.; MATTEI, L. A realidade demográfica de Santa Catarina na virada para o século XXI. In: MATTEI, L; LINS, H. N. (Orgs.). **A socioeconomia catarinense**: cenários e perspectivas no início do século XXI: Editora Argos, 2010, p. 283-321.